

# Kinji Ikegami: a saga de um samurai

TEXTO DE  
LUIZ ISMAELINO VALENTE



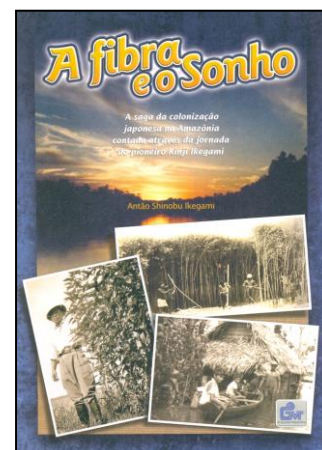
Nos dias 17/18 de setembro de 2009, durante as comemorações dos 80 Anos da Imigração Japonesa na Amazônia, Antão Shinobu Ikegami (foto à esquerda) lançou, no Centro de Convenções Benedito Monteiro, em Belém, o seu belo livro *A Fibra e o Sonho – A saga da colonização japonesa na Amazônia contada através da jornada do pioneiro Kinji Ikegami*.<sup>(1)</sup>

Trata-se de um livro extraordinário, muito bem escrito e melhor ainda documentado, fartamente ilustrado, que encanta o leitor sob qualquer aspecto que o encare. O título já é um achado, pois combina *fibra*, alusiva ao caráter nipônico, com o *sonho* de produzir a *fibra* da juta.

Nascido em Parintins, em 19 de janeiro de 1939, o engenheiro Antão Ikegami, formado pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, descreve, com precisão matemática e riqueza de detalhes, a comovente e meritória jornada de seu pai Kinji Ikegami em solo amazônico, durante mais de seis décadas.

Conta-nos Antão Ikegami, em sua obra (foto da capa à direita), que, nas primeiras décadas do século XX, após a I Guerra Mundial (1914/1918), o Japão já havia saído do seu antigo sistema feudal e passado para uma sociedade mercantilista. Sua frota de navios a vapor era uma das maiores do mundo.

Em que pese essa grande transformação, o país logo se viu às voltas com a explosão demográfica, especialmente na zona rural, e com uma preocupante e crônica escassez de alimentos.



Para minimizar os efeitos da crise, o Japão adotou a *política de emigração*, aliás muito comum, então, a vários países europeus e asiáticos, em razão da qual passou a estimular milhares de famílias japonesas a tentarem a sorte em outros países.

De início, a emigração japonesa, por motivos mais do que óbvios (identidade cultural, idioma, etc.), demandava a Manchúria e a China, mas logo também passaram a ser cogitados países da América.

<sup>1</sup> Edição ilustrada de A Gazeta Maçônica LTDA. São Paulo (2009) – 215 páginas.

No primeiro quartel do século XX a Amazônia vivia a *debacle* econômica motivada pela queda da produção da borracha, cujo declínio remonta a 1910.

Em 1923 o governador Antônio Emiliano de Souza Castro Filho<sup>(2)</sup> propusera ao governo japonês a vinda de colonos nipônicos ao Pará, proposta reiterada em 1926 ao embaixador do Japão no Brasil, Hichita Tatsuki, pelo governador Dionísio Ausier Bentes<sup>(3)</sup>, e, nesse mesmo ano, o governador do Amazonas, Ephigênio Salles<sup>(4)</sup>, também se prontificou a doar terras necessárias para o projeto de colonização japonesa na Amazônia.

Mas foi somente três anos depois, em 16 de setembro de 1929, que desembarcou do navio *Montevideu-Maru* no porto de Belém o primeiro grupo japonês de 43 famílias e 9 solteiros (total de 189 pessoas), que se estabeleceram, como colonizadores, na região do Acará (Tomé-Açu).

Várias outras iniciativas se registraram a seguir. Até que, em 1930, o empresário e político japonês Tsukasa Uyetsuka (foto à direita), fundou, em Tóquio, a Escola Superior de Colonização Kokushikan (mais conhecida como *Koutaku*), que se tornou uma referência de fundamental importância para a formação de técnicos e colonos japoneses que emigrariam para a Amazônia nos anos seguintes.



Uyetsuka convidou seu amigo Kotaro Tuji (ou Tsuji – foto à direita), jovem professor da Faculdade do Comércio de Kobe, onde haviam sido contemporâneos, para, cumulativamente, assumir os cargos de professor e diretor da Koutaku.



Kotaro Tuji, que visitara o Brasil durante um ano e meio e voltara ao Japão em 1930, apaixonara-se pelas potencialidades do “grande vale amazônico” e foi o principal entusiasta da aclimação, nesta região, da juta indiana (*Corchorus capsulares L.*), que era, por assim dizer, a sua idéia fixa.

A Koutaku enviaria, a partir de 1931, em sucessivas levadas anuais, até 1937, técnicos e colonos japoneses que se instalaram numa concessão de terras obtida do governo amazonense, na Vila Batista, rebatizada com o nome de *Vila Amazônia*, em Parintins, e, também, em Maués.

<sup>2</sup> Governou o Pará de 1921 a 1925.

<sup>3</sup> Governou o Pará de 1925 a 1929.

<sup>4</sup> Governou o Amazonas de 1926 a 1930.

Os estudantes da Koutaku eram chamados *koutakuseis* e tiveram um papel extraordinário na modernização da agricultura no baixo e médio Amazonas.

Em 1931, Tsukasa Uyetsuka criou o *Instituto Amazônia* (IA), vinculado à Koutaku, que viria a dar o necessário suporte técnico ao empreendimento na Vila Amazônia, assim como a *Companhia Industrial da Amazônia* (CIA), mais tarde, daria o suporte financeiro ao projeto.

Dois anos depois, em 1933, o próprio diretor da Koutaku, Kotaro Tuji, teve que vir ao Brasil (e aqui se estabeleceu em definitivo), com o escopo de superar as desinteligências havidas na Vila Amazônia após o pedido de demissão de Kinroku Awazu, o superintendente do Instituto Amazônia que se desencantara com o insucesso do plantio experimental da juta indiana.

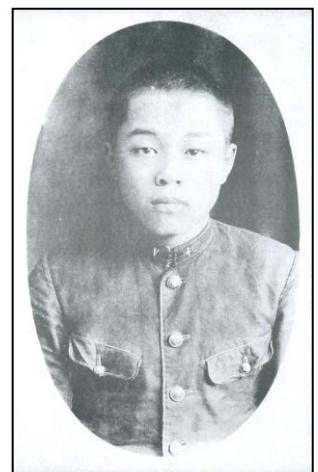
Ao chegar à Vila Amazônia, assinala Antão, Tuji “estabeleceu uma colônia modelo na foz do rio Andirá tendo a juta como produto principal” e outra na comunidade de Maués, onde a prioridade era o cultivo do guaraná.

A aclimatação da juta indiana na Amazônia, entretanto, não foi nada fácil. E nem era de se esperar o contrário, pois, como informa o autor do livro *A Fibra e o Sonho*, os primeiros *koutakuseis* eram pessoas de “formação de nível superior” e pertenciam “às famílias de classe média alta e nenhum deles havia trabalhado com enxada, foice ou machado”. Em outras palavras: eram todos neófitos em agricultura.

Só no ano de 1934 é que o agricultor Ryota Oyama conseguiu obter, em seu sítio no Andirá, dois pés de juta com características alentadoras e que foram realmente o ponto de partida para a subsequente e sempre crescente produção da fibra juta na Amazônia, até começar o seu irreversível declínio a partir do início da II Guerra Mundial.

Já em 1950, após o fim da II Guerra Mundial, quando foi retomada a imigração japonesa na Amazônia por iniciativa de Kotaro Tuji junto a Getúlio Vargas, a produção da juta já não era prioritária nem para brasileiros nem para nipônicos, que passaram a exercer outras atividades agrícolas ou comerciais.

Foi com a terceira turma de *koutakuseis*, em 1933, que Kinji Ikegami (foto à direita) veio para o



Brasil. Nascido em 19 de agosto de 1913, na vila de Kiraiti, província de Amori, extremo norte de Honshu, Kinji era filho de Kojuro e Koyuki Ikegami. Seu pai era um alto funcionário do Ministério da Agricultura e Floresta do Japão. Sua família era, portanto, de classe média alta.

O jovem Kinji Ikegami podia muito bem ter seguido a carreira militar, como era usual entre os filhos das famílias japonesas de classe média e do gosto do seu genitor. Mas, em vez disso, convenceu o pai a matriculá-lo na Koutaku, em 1932, depois que assistiu, muito animado, a uma palestra de Tsukasa Uyetsuka.

Kinji tornou-se, assim, um koutakusei, e, em 21 de junho de 1933, com apenas 20 anos de idade, desembarcou em Parintins. Dois dias depois já iniciava estágio na Vila Amazônia.

A *Fibra e o Sonho* baseia-se, em grande parte, num conjunto de cartas que Kinji escreveu, de 1º de fevereiro de 1945 a 20 de março de 1947, aos seus familiares residentes em Kumamoto, ao Sul do Japão. Por causa da guerra, que interrompera o correio entre o Brasil e o Japão, e, mais provavelmente, porque sua mãe falecera em 1942 e seu pai morrera em 1946, essas cartas jamais foram enviadas.

Escritas em japonês antigo, com caneta tinteiro, em 44 folhas de papel almaço, em forma de diário, essas missivas foram traduzidas por Yuko Takeda Póvoas de Arruda. A última delas, foi assim encerrada: “À beira do Lago Remanso, na Ilha do Carmo, município de Alenquer, 20 de março de 1947. De: Kinji Ikegami. Para os membros da família Ikegami.”

Os originais dessas cartas, encontrados entre os pertences de Kinji, após sua morte, ocorrida em Belém em 2 de abril de 1996, aos 83 anos de idade, foram doadas, em 2 de março de 2003, por sua viúva Teruo Ikegami, ao Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil (em São Paulo), onde hoje se encontram.

As cartas de Kinji constituem, com efeito, um relato minucioso e interessantíssimo das condições de trabalho dos japoneses na Amazônia, de sua vida familiar, de seus sucessos e fracassos, bem como de suas preocupações, expectativas e angústias nos anos sombrios da II Guerra Mundial que enlutava o mundo e inquietava centenas de famílias de koutakuseis que viviam na Amazônia (Kinji relembra até o “campo de concentração” criado pelo general Magalhães Barata em Tomé-Açu, onde muitos alemães, italianos e japoneses foram confinados e suas respectivas famílias os acompanharam, ainda que não na condição de *prisioneiros*).

A leitura das cartas de Kinji estimulou o seu segundo filho, Antão Ikegami, a estudar a fundo a imigração japonesa no Brasil e, em especial, na Amazônia, bem como a refazer, em frutífera viagem às origens, encetada em 2008, todo o itinerário percorrido pelo pai.

Com efeito, Kinji conta detalhadamente, em suas cartas, sua peregrinação em solo amazônico, desde a chegada a Parintins, seu posterior estabelecimento em Itaracuera (à beira do rio Uiacaparã, onde construiu sua primeira casa, *embarreada*, “feita toda só com minha mão”), passando por uma empreitada frustrante em Breves (onde “começaram a conviver com a desgraça da malária”) e por sua estadia em Santarém (primeiro como gerente local da Companhia Industrial da Amazônia, depois como *juteiro* no Aritapera), até, finalmente, sua transferência definitiva, em agosto de 1945, para Alenquer, onde se estabeleceu na Ilha do Carmo, à beira do Lago Remanso (primeiro no sítio Santa Bárbara, depois na Granja Brasil), até mudar-se, com toda a família e alguns empregados, para a sede da cidade, em 1954.

Quando ainda morava em Santarém, na primeira metade da década de 1940, e por influência dos muitos amigos que fizera na cidade, toda a família Ikegami foi “batizada na religião católica”, ocasião em que Kinji recebeu o nome “brasileiro” de Luís, e Teruo o de Inês (que nunca foi do seu agrado, pois era o mesmo de “uma mulher muito feia e gorda do Aritapera”). Em 1973, ambos naturalizaram-se brasileiros.

Uma das passagens mais comoventes do livro *A Fibra e o Sonho* é a narrativa do “primeiro encontro” de Kinji e Teruo, que não se conheciam pessoalmente.

Teruo nasceu em 16 de março de 1917, na cidade de Yumaga, filha de Hajime e Hatsume Nakayama, e até então só vira o noivo Kinji por meio de uma “foto para noivado”.



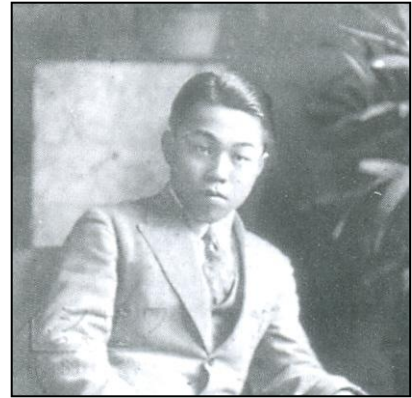
Como era costume no Japão naquela época, o casamento dos dois fora “arranjado” pelos seus genitores, em Kumamoto, onde moravam as famílias, e a união, sacramentada “por procuração”, não dependia, absolutamente, da vontade dos noivos.

Em 2 de julho de 1935, Teruo desembarca do navio *Santarém*, da companhia Loyde Brasileiro, no porto de Parintins. Ela, “de pele branca” e “toda arrumadinha” (descreve Antão, que mostra a foto à esquerda); e ele, “pardo”, de pele “curtida pelo sol equatorial”, cabelos

despenteados e a roupa encardida, motivo de “desencanto”, é claro, para a noiva Teruo.

É a própria Teruo, hoje com 92 anos de idade e em plena lucidez, quem narra ao filho engenheiro que virou excelente escritor:

“– Estava nervosa. Estava com uma foto do Ikegami na mão, mas não conseguia identificá-lo entre os noivos e curiosos parados no trapiche, esperando a nossa chegada (...) Aquela que tinha nas mãos era uma foto *retocada* do meu jovem marido [à direita] e o que via na realidade, eram jovens enegrecidos pelo sol equatorial, cabelo mal penteado, roupa amarrotada e encardida e um ar degradado.”



Para que se conhecessem, de fato, foi preciso que Sachyio, irmã de Kinji, que também viera no mesmo navio, os apresentasse um ao outro.

A bem da verdade, esse “ar degradado” era o retrato fiel, de um modo geral, dos jovens koutakuseis que, em 1935, ainda não haviam tido grande sucesso com o cultivo da juta, do guaraná ou da pimenta-do-reino na Amazônia.

Com Teruo, no mesmo navio, como já dito, também vieram a irmã de Kinji, Sachyio (que mais tarde receberia o nome de Teresa), noiva de Yoshito Ishihara; e Tatsumi (que depois recebeu o nome de Maria), já casada com Yoshio Ishihara, o irmão gêmeo de Yoshito.

Os Ikegami e os Ishihara tornaram-se, pois, parentes e amigos, e foram todos morar em Itaracuera (que os japoneses chamavam *Tauaquera*) à beira do rio Uiacapará, onde já haviam construído casas bem humildes, reunindo-se, mais tarde, todos eles também, em Alenquer, depois de vários encontros e desencontros no período da II Guerra Mundial.

(Um triste parêntesis: os irmãos Ishihara tiveram ambos mortes trágicas, ainda relativamente jovens: Yoshito, teve morte instantânea devido a um tiro acidental de espingarda no coração, em 16 de dezembro de 1945, e Yoshio, ao cair acidentalmente de um cavalo, em 21 de abril de 1953. Por esses motivos, suas viúvas e filhos foram morar, por algum tempo, com os Ikegami, daí se considerarem verdadeiros irmãos).

A impressão de quem lê *A Fibra e o Sonho* é a de que, apesar de todos os percalços, de todos os insucessos, de todas as incertezas – até que chegassem, enfim, os dias de prosperidade e felicidade tão almejadas, já em

Alenquer (sua “terra prometida”?) –, a jornada amazônica de Kinji Ikegami constitui, na verdade, a saga de um samurai.

Todas as características dos lendários e heróicos guerreiros do país do Sol Nascente estão presentes e bem vivos na epopéia do jovem koutakusei que escolheu voluntariamente, para viver, o mundo inóspito da Hiléia, em vez do conforto que lhe propiciaria a família de classe média no Japão: a força de vontade, a tenacidade, a disposição permanente para a luta, a visão de futuro e a imensa capacidade de, tal como a Fênix, renascer das cinzas e superar as vicissitudes.



Em que pese o certo “desencanto” inicial de Teruo e a confessada “relutância” de Kinji em se casar, por se achar ainda muito jovem, a verdade é que os dois formaram uma grande família, muito unida e feliz, num casamento que durou, até à morte de Kinji, 61 anos, e tiveram sete filhos: Clara Hitomi (professora) e Antão Shinobu (engenheiro), ambos naturais de Parintins; Norma Missa (enfermeira) e Jonas Jiro (fazendeiro e comerciante), que vieram ao mundo em Santarém; Léa (formada em Ciências Contábeis, a primeira a nascer em Santa Bárbara, na Ilha do Carmo, em Alenquer, aos cuidados da parteira dona Chiluca), Ivo (engenheiro, também nascido em Santa Bárbara assistido pela dona Chiluca, à qual “deu muito trabalho para nascer”, pois “tinha a cabeça muito grande”, como diz o pai em suas cartas) e Rui (médico veterinário, nascido em Santarém, num hospital, com todos os recursos da medicina, “uma novidade para a época”).

Mas Antão Ikegami não se limita, em *A Fibra e o Sonho*, a repetir as informações históricas que colheu sobre a imigração japonesa no Brasil e na Amazônia ou a reproduzir as bem escritas memórias do pai.

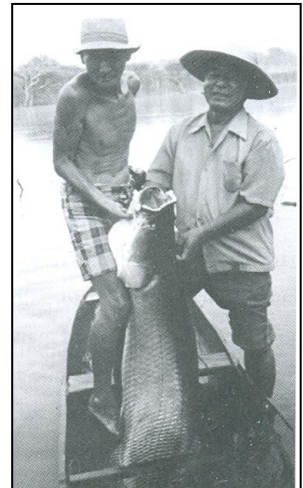


Ele próprio, Antão, traz à baila suas próprias, vivas e eloqüentes lembranças da infância vivida principalmente em Santa Bárbara (foto acima, que mostra a família completa), onde aprendeu “as primeiras letras” com sua mãe Teruo, que lhe ensinou, igualmente, o japonês que ele lia até

muito bem (mas seu pai, conforme diz numa das cartas, desconfiava que o filho “não entendia metade do que lia...”).

Em Santa Bárbara, diz Antão, “a vida era borbulhante”: “viam-se aves e animais nadando, peixes que movimentavam a água e o pirarucu, maior peixe de escama do rio Amazonas costumava boiar.”

Antão descreve: “A pesca do pirarucu é muito movimentada. No momento em que ele vem à tona para respirar é quando se arpoa. Inicia-se, nesse instante, a luta pela sobrevivência. O pirarucu consegue arrastar a canoa, por algum tempo, até se cansar. Para sinalizar a direção que o pirarucu nadava, soltava-se a bóia de madeira leve (feita de *boieira* – árvore da Amazônia chamada de Mongolô em Maués) amarrada quase no fim da linha. Para garantir que o peixe não escapasse, o pescador confirma lançando outro arpão; aí, sim, dificilmente o pirarucu deixa de ser embarcado na pequena canoa.”



No verão, tinha a *batição* – “um modo de pescar que se vai batendo na água com varas para empurrá-los [os peixes] para determinado local. Essa caçada acontecia em um lago chamado Ressaca, na própria Ilha do Carmo, em um lago central.”

O moleque Antão Shinobu tornou-se *craque* em pescaria: “No capítulo de *iscas*, aprendi a utilizar vários tipos, até vivas. A pesca com frutas acontece nas *cheias*, quando a mata fica alagada (chamada de *igapó*) e os frutos caem na água. Para imitar a queda da fruta usa-se o *gapunga* – peso feito de chumbo fixado na linha amarrado na ponta do caniço, que se bate na água. Para os peixes, que são atraídos pelo barulho na água, bate-se o *cobó* com a ponta do caniço.”

E mais: “Com a fruta *socoró* pescava-se tambaqui e pirapitinga; com o *loiro* (que é uma fruta preta), pacu, pirapitinga e tambaqui; com *catauari*, o tambaqui e com o fruto da *embauba*, o pacu. Com isca de *uruá* (caramujo) se pescava pacu, aracu e caraaçu. Tucunaré é pescado com *uauaca* – dois anzóis amarrados em panos, preto, branco e vermelho numa linha curta em um caniço, com o qual se risca a superfície da água, na beira do capim, nos lagos” – e por aí segue o que poderíamos muito bem chamar de *manual de pescaria* do Shinobu.

Sem nunca se desfazer de Santa Bárbara (também conhecida como Poção ou Socoró), a família Ikegami comprou a Granja Brasil, na

mesma região, e, durante 34 anos (de 1954 a 1988), fixou residência na sede da cidade de Alenquer, onde Kinji virou comerciante, tornando-se sócio do empresário Raul dos Santos Amaral e ocupando uma confortável casa por este construída na travessa Lauro Sodré, no bairro do Aningal, onde instalaram o armazém, o comércio e a moradia da família.

A casa dos Ikegami era uma das melhores da cidade naquela época, a única com água encanada (captada de um poço por um engenhoso sistema concebido por Kinji) e a única com telefone.

“Alenquer foi a cidade que acolheu nossa família – escreve Antão Ikegami – e passamos a integrar a sociedade Ximanga. Fizemos muitas amizades, não só na cidade como na Colônia e Várzea. Somos lembrados como filhos dessa cidade.”

O livro de Antão Ikegami resgata, assim, com minudências e muita verve, os usos e os costumes dos caboclos ribeirinhos, bem como as lembranças inapagáveis da história das cidades em que viveram, em especial as de Alenquer.



Os sessentões, como eu, terão, com certeza, um grande prazer em rever, em foto no livro, a engraçada e barulhenta *fubica* (à esquerda) – o veículo de três rodas que Kinji Ikegami comprou do seu amigo Tamotsu



Iwasaka, que o trouxera do Japão. Na época, a *fubica* dos Ikegami era o máximo em tecnologia automotiva, contrastando diametralmente com a *carroça de boi* (acima, à direita), principal meio de transporte urbano e o encanto da garotada alenquerense nos idos de 1950/1960.

Mas é bom ficar por aqui. Senão, acabarei transcrevendo o livro inteiro. Que o leitor saboreie pessoalmente as delícias de *A Fibra e o Sonho*. Elas nos dão água na boca e deixam os olhos marejados de saudade.

Belém, 21/09/2009

---

**Nota:** Todas as fotos acima reproduzidas são do livro *A Fibra e o Sonho*.